

O amplo leque do gosto

Reynaldo Roels Jr.

A partir de hoje, o público do Rio de Janeiro tem um leque mais amplo do que normalmente ocorre nesta época do ano com as artes plásticas. Da escultura radical da jovem Ana Linnemann, passando por um veterano do concretismo,

Maurício Nogueira Lima, e por trabalhos de Ivan Serpa, até a pintura da escola primitiva iugoslava no século XX, há de tudo para todos os gostos. O que, levando-se em conta que não se pode gostar de tudo todo o tempo, não é uma situação de todo má. E isto para não se

falar nas "vendas de balcão" que muitas galerias fazem, à falta de coisa melhor para estimular vendas de fim de ano: costume funesto a que nem gente de boa família escapa, antes do silêncio que desce sobre o circuito no início do ano e que se estende até depois do carnaval.



O romantismo alemão de Friedrich desobrow na obra do naíve Lacković



Primitivo calculado

A idéia de que possa haver algo como arte "espontânea" é, naturalmente, um contra-senso. Fazer arte é um ato cultural que não brota por obra e graça. Ainda assim, depois de Henri Rousseau, o século XX passou a ver com novos olhos a produção de certos artistas que adotam procedimentos ditos "espontâneos": a pintura primitiva ou naïve. No Brasil, ela encontrou um campo fértil, com nomes respeitáveis como Heitor dos Prazeres, José Antônio da Silva e Antônio Poteiro. Alguns, mais radicais, acrescentariam Djanira à lista. No exterior, uma das escolas (o termo é este mesmo) mais conhecidas é da Iugoslávia, e quatro de seus representantes estarão em exposição a partir das 21h no show room do Rio Design Center: Josip Generalić, Mijo Kovacic e Ivan Lacković e Ivan Rabuzin.

Chamar a pintura que fazem de naïve é, a bem dizer, um equívoco, se os conceitos

forem levados a sério. O que fazem é uma apropriação estilizada — simplificada, digamos assim — de trabalhos em nada primitivos, mas dentro dos padrões que o público espera da arte primitiva. As interpretações "espontâneas" que Kovacic faz de Bruegel, ou Lacković de Caspar Friedrich, por exemplo, são evidentes. Fica o espírito de ilustração para livros infantis ou cartões de natal. De acordo com Malvina Gelleni, da Galeria Portal de São Paulo, organizadora da exposição, os preços dos iugoslavos no mercado internacional são consideráveis: em Nova Iorque, variam de 20 a 35 mil dólares, podendo chegar a mais. No Brasil, evidentemente, os preços dos quatro artistas foram adaptados a nossa realidade mais modesta: entre 1 mil 500 e 12 mil dólares. Os artistas apresentam ainda uma curiosidade técnica: pintam sobre vidro pelo lado do avesso: as camadas superiores de tinta são, portanto, as primeiras a serem aplicadas.



Serpa erótico

São 20 trabalhos de Ivan Serpa na Registro, entre desenhos e gravuras que o artista realizou entre 1965 e 1972, um ano antes de sua morte. Alguns são da última fase geométrica de Serpa, e outros são figurativos, ainda da fase dos "bichos" que se seguiu à fase negra de 1964. Uma peculiaridade a ser nota-

ção são os desenhos eróticos, que segundo Lygia Serpa eram comuns na obra de Ivan mas são pouco vistos. O lote pertence ao diretor de uma empresa que os encontrou em um antiquário de Pati do Alferes, em 1985, reunidos em uma pasta. A abertura será às 21h.

Escultura limite

Terceira exposição no ciclo Escultura da Funarte, a individual de Ana Linnemann, na galeria Sérgio Milliet, será inaugurada às 18h30min. Como nas duas mostras anteriores do ciclo, a de Nuno Ramos e a de Carlos Fajardo, serão apresentados trabalhos que fogem ao conceito clássico de escultura — à noção de volume, portanto — e exploram elementos novos em uma linguagem plástica com poucas oportunidades de se mostrar ao público. Ana, que começou como desenhista e chegou a mostrar trabalhos em coletivas, chegou à escultura quase que por acaso. Ao rasgar um desenho, percebeu que a flexibilidade do papel lhe oferecia possibilidades mais interessantes do que as que tinha explorado até então. A propriedade dos materiais passou a ser o centro de sua atenção: o tecido, o papel e a borracha, materiais planos que se do-ram, ou se enrolam sobre si mesmos, e o vergalhão, que se enverga por si só. Com estes elementos, Ana passou a abordar a tridimensionalidade das esculturas mais recentes, uma evolução dos trabalhos em madeira que apresentou em sua primeira individual, há três anos, no Rio.

As modificações na escultura ocorreram em função da mudança dos materiais, e as decisões que tomou são conduzidas por suas propriedades. Não há tensão, os materiais se adaptam a certas situações, e assim ficam. São situações-

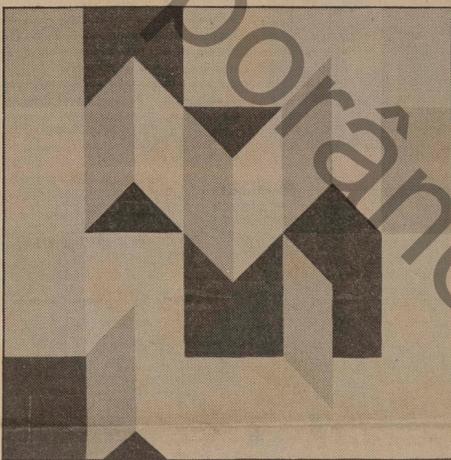
limite, determinadas por noções que são próprias também da pintura e do desenho, como a linha e o plano.

As nove esculturas que Ana está apresentando são em veludo, borracha, corda e papel enrolados em torno de vergalhões de ferro. As vezes, Ana pinta os trabalhos em preto, branco ou cinza, "não porque a cor seja um problema da escultura, mas para neutralizar os materiais utilizados, para unificar a exposição e eliminar referências que disperssem a atenção do espectador". Os trabalhos de três anos atrás ficavam na fronteira entre a escultura e o objeto; estes agora mostrados já se resolvem melhor como escultura, de acordo com Ana.

O objeto exige uma atenção mais focalizada sobre si mesmo, e a escultura é mais preocupada com o espaço que cria. Meu trabalho atual é um desdobramento de linhas e planos que se expandem em um espaço além deles mesmos, sem concentrar a atenção apenas sobre si.

O interesse declarado de Ana pelos neoconcretos explica a proximidade da sua escultura com certos procedimentos de Lygia Clark (os trepantes) ou mesmo com Hélio Oiticica (os parangolés). Geometria, se há, Ana afirma ser resultante da própria acomodação dos materiais, e não de uma tomada de posição apriorística de sua parte.

Reminiscência concreta



Maurício Nogueira Lima é um veterano do concretismo paulista dos anos 50, um movimento que, através da objetividade da geometria, pretendeu chegar à socialização possível da arte. A idéia, utópica que seja, deu grandes frutos naqueles anos de euforia desenvolvimentista. Maurício, em meados dos anos 60, desvinculou-se da idéia, mas na década seguinte voltou ao rigor da geometria na pintura. Seus trabalhos mais recentes poderão ser vistos a partir das 21h na Maurício Leite Barbosa, do São Conrado Fashion Mall, marcados ainda por muitos dos princípios que nortearam a arte concreta desde seu início.



Direitos humanos já

Roberto Comodo

SÃO PAULO — Numa cerimônia solene, mas com alguma tietagem, provocada pelas presenças do superastro Sting, ao lado do cantor e compositor Peter Gabriel, ex-Genesis, no lendário produtor americano Bill Graham, além do cantor senegalês Youssou N'Dor e dos artistas brasileiros Milton Nascimento, Beth Carvalho e Herbert Viana, a Anistia Internacional fez o lançamento mundial, ontem em São Paulo, da campanha Direitos Humanos Já (Human right now), que pretende lembrar, no ano que vem, os 40 anos da declaração dos direitos humanos. A campanha, que consiste numa gigantesca turnê internacional de vinte espetáculos ao redor do mundo, liderados por Sting e Peter Gabriel e com a participação de artistas de vários países, é o projeto mais ambicioso já montado pela Anistia Internacional para mobilizar a opinião pública mundial na luta pelos direitos humanos. A turnê começará em julho de 88, e já conta, nos Estados Unidos, com a adesão de Tina Turner, Mark Knopfler, do Dire Straits, e Bob Dylan.

Sting e Peter Gabriel lançam campanha pela Anistia Internacional

Sting e Peter Gabriel, membros da Anistia Internacional, estavam à vontade na coletiva, respondendo a perguntas políticas com a mesma desenvoltura com que brilham no palco. Sting lembrou que foi desafiado por um jornalista político a responder como mudaria com a sua música a cabeça de um ditador. "Eu disse a ele que o nosso alvo não é o general Pinochet, mas seus filhos, os amigos de seus filhos, netos e até suas amantes", contou o cantor. "Se a nossa geração não conseguir mudar o mundo, ninguém mais vai poder fazer isso. E eu quero um mundo melhor para os meus filhos."

A aliança entre a música e a política também foi lembrada por Peter Gabriel. "Nossa música tem o poder de atingir o coração de uma geração, que pode utilizar o seu idealismo para fazer com que as pessoas sejam mais felizes", diz Gabriel, que confessou saber muito pouco sobre a Anistia Internacional até há dois anos, quando participou da tour americana Conspiracy of hope. "Mas quando se olha dentro dos olhos e se aperta a mão de alguém que foi torturado é muito difícil virar as costas à divulgação dos direitos humanos."



Peter Gabriel, Sting (na esquerda) e Milton Nascimento e Beth Carvalho (na direita) defendem com música os direitos humanos